

## Homenagem a João Paisana Uma conversa fenomenológica

Joaquim Carlos Araújo

*Se questionar é abrir possibilidades, isto é, abrir as múltiplas respostas possíveis ao que está em questão, responder é eleger uma dessas possibilidades enquanto fundamento do não ser das outras. A possibilidade eleita, a resposta afirmada, opõe-se a todas as outras possíveis respostas abertas pelo questionar. Se questionar é abrir possibilidades, responder é encerrar possibilidades, isto é, encerrar a questão. João Paisana, Husserl e a Ideia de Europa.*

Falo contigo com armas... por teres tão celeremente fechado as tuas possibilidades e encerrado a questão. Conseguiste ser tão original, e originário ao fim e ao cabo, já que fundaste o teu mundo nos outros, que nem o deus poderia precaver-se com o espanto de que muitas respostas são dadas de modo tão efectivo. Que ironia querido amigo, provar que o absurdo existe. E agora, não posso discutir contigo os teus textos que (re)leio.

Por isso, quase como vingança, vou exigir nestas inúteis, insuficientes linhas um retorno à experiência singular do objecto, por exemplo (dizias que a fenomenologia se fazia com exemplos) a morte (do *outro* que és tu). É que todas as possibilidades noemáticas se afiguram reais quando em aberto. Mas, como tu próprio o disseste, ao responderes a uma fechaas todas as outras. A morte é isso. E que condição mais redutora do que esta? Talvez se vivesses mais tempo continuasses no teu limite noético da redução como prática de uma vida, com muito de estético, muito de *pathos-com*, e de Epicuro também (ou acima de tudo!). Colocarias, interminavelmente, o mundo em suspenso, mais enquanto atitude teórica que te re-conduziria a ti mesmo do que um simples método de o pôr entre parêntesis.

Excluída a posição da existência retornarias a ela como quem sabe que a conversão reflexiva nunca se dá impunemente. As tuas ideações teimariam em basear-se na experiência interna de um ego feliz. E depois, e ainda, optarias pelas espécies ideais de vivências e suas relações (sempre com os outros, com os amigos portanto). Dir-me-ias nessa altura, com uma verdadeira gargalhada fenomenológica como só tu as sabias dar, que nenhuma condição de possibilidade se afiguraria com mais evidência de que o próprio campo fenomenológico básico, a saber, a experiência,

nomeadamente a linguística – já que nenhuma coisa existe sem ela: nem o mundo, nem a imaginação, e muito menos qualquer copo de um curial tinto ou algum charuto ainda por ritualizar pelo fogo.

E eis o exercício quotidiano que funda a própria vida! Mais, e tu sabia-lo bem, ao tomares consciência dos teus vividos perceptivos, bastas vezes te demoravas no modo atencional, mas outras tantas (e estas tão verdadeiramente ontológicas) no modo emocional, e outras, simplesmente sensoriais. Todos os pirronistas juntos não fariam melhor *epekhô*. Só aos filósofos como tu seria permitida tal atitude de vigilância radical dos seus próprios pré-conceitos.

Entretanto, a aprendizagem de fenomenólogo prolongar-se-ia agora variando a captação dos objectos até ao que de essencial ou eidético eles possuem, o mesmo é dizer, até às potencialidades não actualizadas do seu modo de aparecer (como tu gostavas meu amigo de conversar sobre o não-actual sempre aberto!). Na verdade, o que somos nós senão entes incompletos que de um momento para o outro até conseguimos morrer, e além disso também experienciamos aquele estranho apelo do acto criativo da imaginação plausível que teoriza todo o acaso, todo o possível. Tematizamos o mundo sim mas também podíamos não o fazer, terias razão aqui. E eu acrescentaria que o fortuito se mantinha, qual santo absoluto da vida já que o divino não foi talhado à imagem da filosofia. Certamente. Misturar as coisas, diárias, é como falar de um «pau de ferro».

Finalmente a descrição. Um dos grandes avatares da tua conduta de mestre fenomenólogo. Conduta que extravasava já, no entanto, toda a escola fenomenológica. Acção de homem e professor consciente da interesseira passividade económica do Norte Ocidental, isto para além do cómodo agasalho da faculdade.

O outro grande avatar seria a explicitação interpretativa. Esse que, para lá do teu empenho puramente académico te faria conferir, mais recentemente, à tua escrita a luta e a força da desvelada opinião jornalística a favor dos menos católicos. A terrena arte de ser fenomenólogo descrevendo o mundo! De facto, como pintar uma paisagem sem ver a cor que ela tem? E se o pintor for realista a cor não se torna evidente. É óbvio!, como gostavas de repetir. Outras vezes encolherias os ombros, já que o que é óbvio também pode não ser dito.

E o problema da diversidade não-actual das aparições descritas (*Husserl dixit*)? Ah!, essa seria a tua arte maior: a escolha do pressuposto, da tradição, do início da aventura – fizeste toda a tua obra e toda a tua vida com esse tom jogando no duro, muitas vezes no escuro (gostavas de cartas!) – e arriscaste inclusive usufruir de uma estabilidade emocional (como se pode trabalhar tão bem sem ela?) com *uma* companheira que te ofereceu inúmeras, inefáveis horas de solidão a dois.

Depois... depois a destruição, a morte, a morte dos pressupostos (a vida é uma tradição!...), a guerra à evidência choruda dos burgueses mercadores da filosofia e dos prodigiosos magos da universidade. Obrigado professor. Um abraço, este copo e uma lágrima.